

## FLECHA

*"For every stony speech, a mocking laugh will hum in the wind like an anti-amen, disarranging letters and embodying the word as the crossroads from which the arrows fly to unhaunt the fear and enchant the world".<sup>1</sup>*

Arrowheads are one of the most common objects found in archaeological collections around the world, since this is an artifact produced and used by people in all regions of the planet, and made with elements that resist time. They are a kind of marker of civilizational stages that demonstrate the degree of complexity of a society from the Western point of view (type of material, the presence or absence of refinement in its manufacture, etc.), in a story always told from wars, confrontations, triumphs, in a linear and progressive sequence of humanity. However, the arrow that names this exhibition is curved, multiple, language, symbol and cure. It connects, it does not separate. It makes (re)live and not just die. It is the imbrication of existences, presences, experiences and practices of knowledge and rites as the composition of a complex and immeasurable basket of world possibilities for all times, all beings. It is an enchantment, as pointed out by Luiz Antônio Simas: "(...) The arrows shot will cross the whirlpool of time and fall in a place which only the caboclo knows. Lancers, healing mouths and hands, henchmen from Jurema, natives of Juremá, masters of the arts of making, tamer of wild beasts, ladies of the waterholes, of the flowers and boys who are the lighthouses of the world, what rises in the invocation of their presence?"<sup>2</sup>.

The call undertaken by Mercedes Lachmann's works in this exhibition begins with an arrow, but ends up in portions of herbs, rituals, and totems that merge natures, temporalities and territories (physical and immaterial) in dialogue with the archaeological collection of the Municipal Museum. Archaeologist Eduardo Goés Neves taught us that archaeology does not study the past, but the phenomena of the present, i.e. "archaeological sites and other types of records that traveled through time, sometimes for millions of years, to the present day"<sup>3</sup>, and that the field of knowledge that most resembles it is astronomy, since "the brightness of the stars or the radio waves that today reach the antennas or lenses of modern telescopes are travelers who started their journey through time and through space millions or billions of years ago"<sup>4</sup>. The arrows and the stars are therefore not just traces in Mercedes' works, but subjects laden with knowledge and stories that crossed the Atlantic Ocean in a kind of uprising of those who return, those who stayed in Brazil or those who were never here. We invite visitors to listen carefully to what these works invoke.

CRISTIANA TEJO

<sup>1</sup> SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. Flecha no Tempo. Rio de Janeiro: Morula, 2019, p. 5.

<sup>2</sup> SIMAS e RUFINO, Flecha no Tempo, p.7.

<sup>3</sup> NEVES, Eduardo Goés. Sob os tempos do equinócio: oito mil anos de história da Amazônia Central. São Paulo: Ubu Editora, 2022, p.16.

<sup>4</sup> NEVES, Sob os tempos do equinócio, p.17.

## BIOGRAFIA BIOGRAPHY

Mercedes Lachmann nasceu em 1964, no Rio de Janeiro, onde vive e trabalha atualmente. Graduiu-se em Comunicação Visual pela PUC-RJ em 1986, frequentou a Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV), participou de grupos de estudo em arte e filosofia e formações com artistas e curadores. Em 2018 foi indicada ao Prêmio Pipa, um dos mais relevantes prêmios de artes visuais do Brasil. Em 2020 integra o coletivo de artistas @BoraGirls, que apoia causas de mulheres em situações de vulnerabilidade, através de ações de comunicação pela arte. A artista já apresentou inúmeras exposições no Brasil e no exterior e o seu trabalho está presente em diversas coleções particulares. Sua pesquisa se dá, primordialmente, no campo da escultura, da instalação e do vídeo, privilegiando o uso de materiais naturais. Seu trabalho tangencia questões do meio ambiente e algumas obras aproximam-se da arte ambiental e Land Art. A água foi um marco em sua poética remetendo a questões como a efemeridade da vida, as transformações da matéria e a escassez dos recursos naturais. Nos últimos anos Mercedes passou a usar plantas, ervas medicinais e aromáticas em seus trabalhos, onde combina diferentes intensidades, qualidades e potências elaborando uma alquimia sensível. Com as plantas, novos materiais vêm sendo incorporados em sua produção como a madeira, as folhas, as sementes, metais, vindo ao encontro de um pensamento de integração, colaboração e proliferação de formas e experiências sinestésicas, como observamos na expressão da natureza.

Mercedes Lachmann was born in 1964, in Rio de Janeiro, where she currently lives and works. She graduated in Visual Communication from PUC-RJ in 1986, and attended the Parque Lage Visual Arts School, participating in study groups in art and philosophy and in workshops with artists and curators. In 2018 she was nominated for the Pipa Prize, one of the most important visual arts awards in Brazil. In 2020, she joined the artist collective @BoraGirls, which supports women in situations of vulnerability, through actions of communication through art. The artist has presented numerous exhibitions in Brazil and abroad, and her work is present in several private collections. Her research is mainly developed in the fields of sculpture, installation, and video, favoring the use of natural materials. Her work touches on environmental issues and some of her pieces approach environmental art and Land Art. Water was a milestone in her poetics, addressing issues such as the ephemerality of life, the transformations of matter, and the scarcity of natural resources. In recent years, Mercedes has started to use plants, and medicinal and aromatic herbs in her works, where she combines different intensities, qualities, and potencies, creating a sensitive alchemy. With the plants, new materials have been incorporated into her production such as wood, leaves, seeds, metals, meeting a thought of integration, collaboration, and proliferation of forms and synesthetic experiences, as we observe in the expression of nature.

### ENTRADA GRATUITA

museus@cm-stirso.pt

(+351) 252 830 410

Avenida Unisco Godiniz 100  
4780-366 Santo Tirso

 miec.cm-stirso.pt

@ miec\_museu

Ter a Sex 09H00 > 17H30  
Sáb e Dom 14H00 > 19H00

# MERCEDES LACHMANN

21 JUL –  
08 OUT

MUSEU  
INTERNACIONAL  
ESCULTURA  
CONTEMPORÂNEA



FLECHA

“Para cada discurso empedernido, uma gargalhada zombeteira zumbirá no vento feito um anti-amém, marafando letras e corporificando a palavra como a encruzilhada de onde as flechas voam para desassombrar o medo e encantar o mundo”.<sup>1</sup>

Pontas de flechas são um dos objetos mais comuns encontrados em coleções arqueológicas mundo afora, pois trata-se de um artefacto produzido e usado por povos em todas as regiões do planeta com elementos que resistem ao tempo. Elas são uma espécie de marcador de estágios civilizatórios que denotam o grau de complexidade de uma sociedade sob o ponto de vista Oci-dental (tipo de material usado, a presença ou ausência de refinamento de sua confecção etc.), numa história contada sempre a partir das guerras, dos confrontos, dos triunfos, numa sequên-cia linear e progressiva da humanidade. No entanto, a flecha que nomeia esta exposição é curva, múltipla, língua, símbolo e cura. Ela liga, não separa. Ela faz (re)viver e não apenas morrer. Ela é imbricação de existências, presenças, experiências e práticas de saberes e ritos como tessitura de um complexo e imensurável balaio de possibilidades de mundo para todos os tempos, todos os seres. Ela é um encantamento, como apontado por Luiz Antônio Simas: “(...) As flechas lan-çadas atravessarão o redemoinho do tempo e cairão em lugar que só o caboclo sabe. Lanceiros, bocas e mãos de cura, capangueiros da Jurema, naturais do Juremá, mestres das artes do fazer, amansadores de feras, senhoras dos olhos d’água, das floradas e meninos que são os faróis do mundo, o que se ergue na invocação de suas presenças?”<sup>2</sup>. O chamamento empreendido pelas obras de Mercedes Lachmann presentes nesta mostra co-meça com uma flecha, porém desemboca em porções de ervas, rituais, e totens que fundem naturezas, temporalidades e territórios (físicos e imateriais) em diálogo com a coleção arqueo-lógica do MMAP. O arqueólogo Eduardo Góes Neves ensinou-nos que a arqueologia não estuda o passado e sim fenômenos do presente, ou seja, “os sítios arqueológicos e outros tipos de registros que viajaram pelo tempo, às vezes por milhões de anos, até os dias de hoje”<sup>3</sup>, e que o campo de conhecimento que mais se assemelha a ela é a astronomia, já que “o brilho das estre-las ou as ondas de rádio que atingem hoje as antenas ou as lentes dos telescópios modernos são viajantes que iniciaram sua jornada pelo tempo e pelo espaço também há milhões ou bilhões de anos”<sup>4</sup>. As flechas e as estrelas não são, portanto, apenas vestígios nas obras de Mercedes, mas sujeitos carregados de conhecimento e de histórias que atravessaram o Oceano Atlântico numa espécie de levante dos que retornam, dos que ficaram no Brasil ou dos que nunca cá estiveram. Convidamos os visitantes a ouvirem atentamente o que essas obras invocam.

CRISTIANA TEJO

1 SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. Flecha no Tempo. Rio de Janeiro: Morula, 2019, p. 5.  
2 SIMAS e RUFINO, Flecha no Tempo, p.7.  
3 NEVES, Eduardo Góes. Sob os tempos do equinócio: oito mil anos de história da Amazônia Central. São Paulo: Ubu Editora, 2022, p.16.  
4 NEVES, Sob os tempos do equinócio, p.17.

PISO FLOOR 0



01. Oculto #3, 2023  
Madeira, bronze, vidro e tintura de urucum.  
Wood, bronze, glass and urucum tincture.

02. Princípio e fim, 2023  
Bronze.  
Bronze.

03. Encruzilhada, 2023  
Aço carbono.  
Carbon steel.

04. Flecha  
Aço carbono, aromas, som e vídeo.  
Carbon steel, aroma, sound and video.

05. Flecha #1, 2023  
Madeira, aço carbono e dobradiça.  
Wood, carbon steel and hinge.

06. Tropirizoma, 2023  
Metal, vidro, tinturas vegetais, borracha, motores, fios e tomadas.  
Metal, glass, vegetal tinctures, rubber, engines, cables and outlets.

07. Conjunto III, 2013  
Madeira e vidro.  
Wood and glass.

08. Arraste #02, 2022  
Madeira e vidro.  
Wood and glass.

09. Arraste #06, 2022  
Madeira e vidro.  
Wood and glass.

10. Arraste #09, 2022  
Madeira e vidro.  
Wood and glass.

PISO FLOOR -1



11. Braz ill, 8'44"   
Vídeo performance em que a artista desdobra o nome Brasil, em duas palavras escrevendo sobre uma árvore centenária tombada. BRAZ representa brasa, chama, e ILL – palavra em inglês para doente, mau, indisposto. Essa ação em vídeo denuncia o momento doloroso que seu país atravessava em 2021, governado pela extrema direita, incentivadora do desmatamento, das invasões de terras indígenas, e do garimpo ilegal.  
Video performance in which the artist unfolds the name Brazil, in two words writing on a centennial tree. BRAZ represents ember, flame, and ILL -english word for sick, bad, indisposed. It marks the painful moment her country was going through from 2019 up to 2022, governed by the extreme right, which has encouraged deforestation, invasions of indigenous lands and illegal mining.

O dia fora do tempo, 11'19"   
Um grande defumador foi preparado pela artista e as mulheres erveiras da Mantiqueira, no Rio de Janeiro, Brasil, durante o primeiro semestre de 2021, seguindo rituais femininos sagrados. Com mais de 20 tipos de ervas medicinais e aromáticas, o defumador queimou durante dez horas durante o dia 25 de julho, o dia fora do tempo, segundo o calendário Maia. Os Maias contavam o tempo

através dos ciclos lunares, considerando 13 meses de 28 dias, resultando em um período de 364 dias (13 × 28 = 364). Numa perspectiva espiritual, o Dia Fora do Tempo age como uma pausa interdimensional entre um ano e o outro. É um dia que traz a oportunidade para reciclar e recomeçar, e esse ato foi feito para curar as dores da humanidade com o evento da pandemia da Covid-19.  
A large smoker was prepared by the artist and the herbal women of Mantiqueira, in Rio de Janeiro, Brazil, during the first half of 2021, following sacred female rituals. With more than 20 types of medicinal and aromatic herbs, the smoker burned for ten hours during the 25th of July, the day out of time according to the Mayan calendar. The Mayans counted time through lunar cycles, considering 13 months of 28 days, resulting in a period of 364 days (13 × 28 = 364). From a spiritual perspective, the Day Out of Time acts as an interdimensional break between one year and the next. It's a day that brings the opportunity to recycle and start over, and this act was done to heal humanity's pain with the Covid-19 pandemic event.

12. Fruto #5, 2023   
Madeira, vidro soprado e tintura de erva.  
Wood, blown glass and herbal tincture.

13. Segredo #4, 2023   
Madeira, tinta de urucum, vidro e tintura de erva.  
Wood, urucum tincture, glass and herbal tincture.

14. Três partes #2, 2023   
Madeira e vidro soprado.  
Wood and blown glass.